

TRIBUTOS

Filomena Vasconcelos

A linguagem é, na sua maior amplitude semiológica, simultaneamente o meio e o fim para representar todas as coisas, incluindo o absurdo, a um tempo adequada e desesperadamente deceptiva, no limiar último de todos os sentidos estabelecidos ou de todas as possibilidades de significar.

Ainda o eixo orientador da história, na intimidade memorial que este sempre estabelece com as coisas, os tempos e nós próprios [...]

Talvez devêssemos antes falar de uma certa atitude desconstrutiva da arte em geral, na medida em que a própria essência do objecto artístico, na intencionalidade que o motiva e caracteriza, implica sempre um questionamento do real, seja ele qual for, e este, por sua vez e não raro, pode manifestar-se no deslocamento paródico ou mesmo humorístico, mais ou menos acidulado, dos referentes visados. [...]

Na ausência de qualquer modelo de heroicidade, na falta de validade do altruísmo e da dignidade, restavam apenas a angústia e o pesado sentimento da derrota e do medo no grande vazio que eram as expectativas humanas. O absurdo tornava-se a única saída possível, como a significação revertida das esperanças perdidas, o seu renascer pela negativa, ou antes, pela asserção positiva que anuncia a irracionalidade como única voz audível na vacuidade do nada

Filomena Vasconcelos, *Considerações Incertas*¹

¹ "Linguagens do Absurdo no Teatro e nas Artes do Século XX", *Considerações Incertas*. Campo das Letras, Porto, 2008, 187-213.



Fig.1 "Ophelia" (de *Hamlet*, William Shakespeare)

"... O, woe is me,
To have seen what I have seen, see what I see"
W. Shakespeare, *Hamlet*, 3.1.

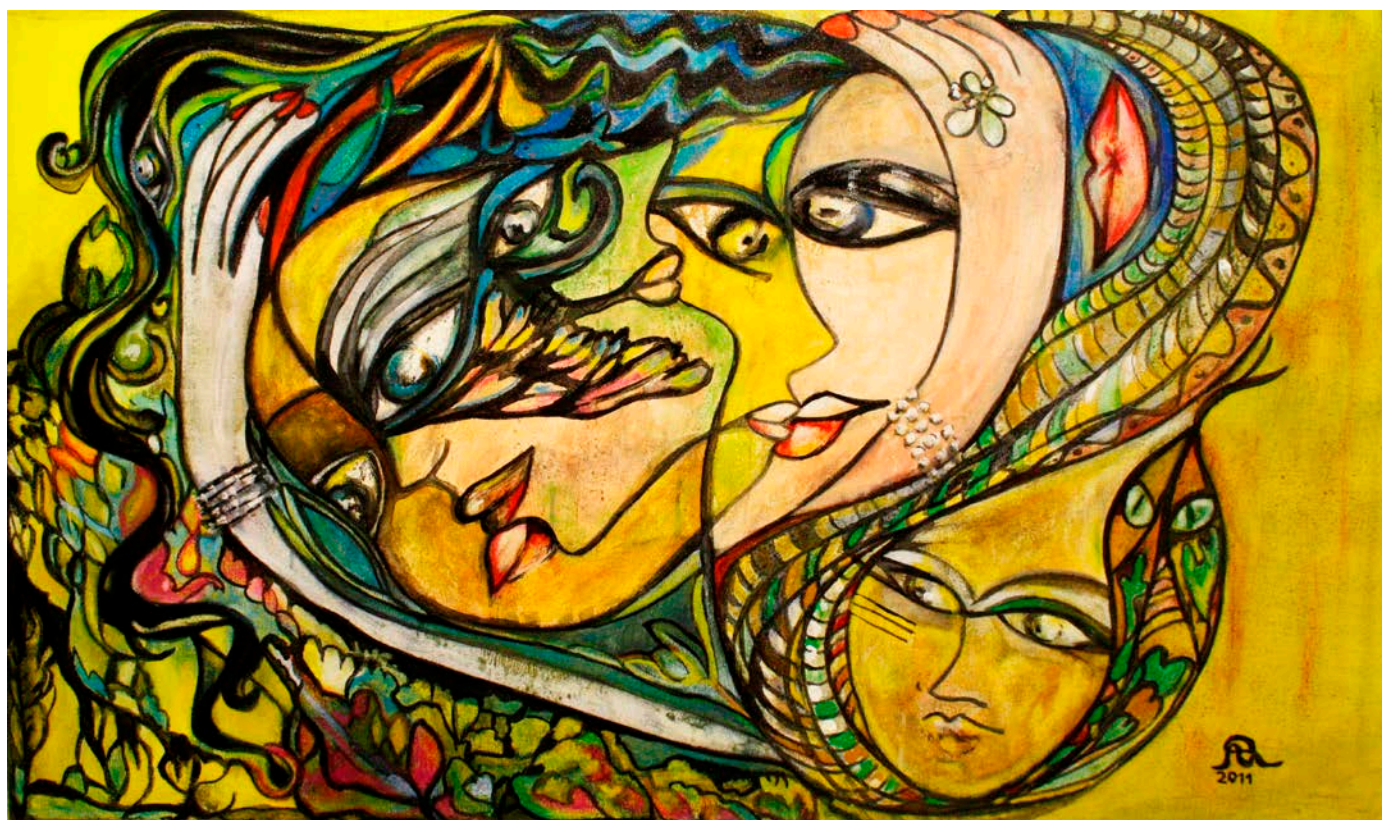


Fig.2 “Heteronymia” (Tributo a Fernando Pessoa)

“Ah não ser eu toda a gente e toda a parte!”
Álvaro de Campos, *Ode Triunfal* (v. final)

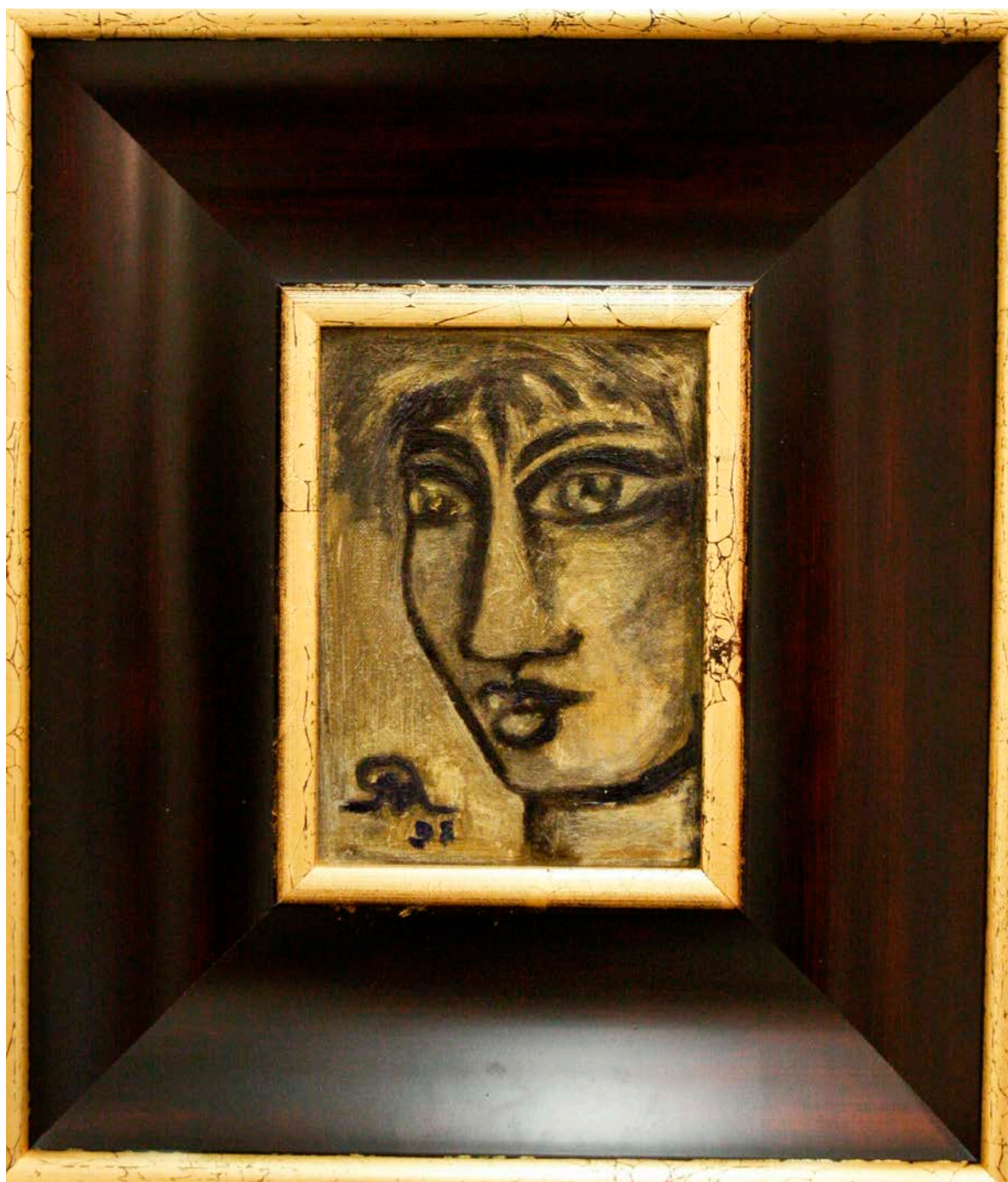


Fig.3 “O Rapaz de Bronze” (Tributo a Sophia de Mello Breyner Anderson)

“As coisas extraordinárias e as coisas fantásticas também são verdadeiras. Porque há um país que é a noite e um país que é o dia.”

Sophia de Mello Breyner Andresen, *O Rapaz de Bronze*.



Fig.4 "Desde a Aurora" (Tributo a Eugénio de Andrade)

"Sou eu, desde a aurora,
eu – a terra – que te procuro."

Eugénio de Andrade, "Desde a aurora", in *Obscuro Domínio* (1970-71).

FICHA TÉCNICA

Fig. 1 – “Ophelia” – óleo s/ tela, 50x70

Fig.2 – “Heteronymia” – acrílico s/ tela, 70x100

Fig.3 – “O Rapaz de Bronze”, óleo s/ tela, 22x16

Fig.4. – “Desde a Aurora”, técnica mista s/ tela, 60x50